

ENTRE VISTAS

Luiz Davi Vieira Gonçalves

Revisão e adaptação escrita de Alexandre Silva Nunes

Entrevista com *João Paulo Barreto**

Indígena da Etnia Ye'pámahsã (Tukano)

Interview with *João Paulo Barreto*

Indigenous of the Ye'pámahsã (Tukano).

RESUMO

Entrevista realizada por Luiz Davi Vieira Gonçalves com João Paulo Barreto, indígena da etnia Ye'pámahsã (Tukano), sobre o tema Etnicidade e Cena: a prática e estudo de rituais indígenas nas Artes da Cena.

Palavras-chave: Etnicidade. Artes da Cena, Rituais Indígenas, Etnia Ye'pámahsã.

ABSTRACT

Interview by Luiz Davi Vieira Gonçalves with João Paulo Barreto, indigenous of the Ye'pámahsã (Tukano) ethnicity, on the theme *Ethnicity and Scene: the practice and study of indigenous rituals in the Performing Arts*.

Keywords: Ethnicity. Performing Arts. Indigenous Rituals. Ye'mamahsan Ethnicity.

ETNICIDADE E CENA

A Prática e o Estudo de Rituais Indígenas Nas Artes da Cena

Luiz Davi Vieira: Atualmente há um grande aumento de interesse no campo das artes da cena (teatro, dança, circo, performance, etc.) pelos estudos sobre grupos étnicos e indígenas. Qual sua opinião sobre esse interesse?

João Paulo Barreto: Nós temos que ver dois lados que existem nisso. O primeiro é propriamente relativo ao interesse desse pessoal pela cultura indígena, de começar a entendê-la e querer mostrá-la para o restante da sociedade, para todos. Isso, por um lado, é muito bom, é legal, é algo que realmente tem que acontecer. Mas eu vejo também um outro lado, que é o risco de folclorizar demais essa questão. Porque quando alguém faz um trabalho teatral, ou quando coloca a figura do indígena dentro de um contexto cênico ou espetacular, está criando uma imagem. Cria-se uma imagem e essa imagem fica nas pessoas. Então, dependendo do modo como você coloca essa imagem, os espectadores vão absorvê-la. E por que eu estou dizendo isso? A gente vê muito claramente nas pessoas a imagem folclórica do tipo da figura do pajé, do Boi Bumbá. Essa imagem já está cristalizada na mente da sociedade. Aqui, por exemplo, (Centro de Medicina Indígena) as pessoas vêm buscar essa imagem cristalizada, e há um risco nisso. Mas é um risco que pode ser controlado, na medida em

que a arte, o teatro de vocês, coloque a cultura indígena no mesmo patamar, que encare o teatro, a arte europeia, e a cultura indígena de forma equiparada, no mesmo nível.

Outra questão relativa a esse interesse é o perigo de o pesquisador querer ver, querer entender a cultura ou manifestação cultural indígena utilizando sua lógica ocidental. Isso representa um grande risco, que eu costumo criticar. Porque quando você pega o conceito ocidental e o utiliza para entender a cultura indígena, está correndo um risco enorme. Porque cada manifestação, para nós, está conectada com a vida das relações com o calendário cosmológico. Cada manifestação está conectada com esses seres que estão por aí. Por isso, cada período temporal tem uma manifestação que lhe é própria, uma manifestação que não pode ser feita de qualquer jeito. Caso contrário, vai desestruturar todo o cosmo, nossas relações com esses seres. Essa é uma das reclamações dos indígenas mais velhos. De que os jovens de hoje não observam bem essas relações, ou se observam, fazem-no mal feito, e acabam desestruturando mais ainda nossa conexão com esses seres, com o cosmo. Desestruturam essas relações...

LDV: Fale mais sobre os perigos desse interesse dos artistas pela vida indígena?

JPB: O maior perigo é realmente a folclorização dos povos indígenas.

LDV: Nos tempos atuais, existe uma grande produção de livros, filmes de ficção e documentários sobre a luta dos povos indígenas. Na sua opinião, como as artes da cena podem colaborar com a causa indígena?

JPB: Elas podem ajudar, e muito, no sentido da desconstrução dessa imaginação, desse imaginário cristalizado, na medida em que conseguirem se conectar com o cosmo que mencionei. Conectarem-se com essa relação interpessoal, com esses seres, sobretudo com os seres cosmológicos da cultura indígena. Uma manifestação precisa estar conectada com essas relações cosmológicas, com esses seres que eu chamo de *Yamasã*, com o interpessoal... com o que conecta as pessoas entre si. Porque dançar e cantar é uma forma de relação, pra nós. Uma relação de oferecimento, de descontaminação das comidas... Então em cada linguagem, em cada gesto há um sentido. E na medida em que esses curiosos das artes comecem a pesquisar com profundidade e entender isso, algo mudará muito.

LDV: Atualmente tem aumentado consideravelmente o número de indígenas em cursos de graduação e pós-graduação, nas universidades brasileiras. Neste contexto, qual sua opinião sobre a inserção dos indígenas nos cursos do campo das artes?

JPB: Primeiro, é natural nós indígenas entrarmos na universidade e querermos fazer trabalhos sobre nossa própria cultura. E isso já é um desafio. Segundo, nós precisamos estar muito atentos, para não cairmos nas armadilhas dos conceitos. Como eu acabei de falar, não é adequado usar o conceito ocidental para falar da minha cultura. Primeiramente, pode ser útil usá-lo como instrumento analítico, que me dê caminhos para entender minha cultura, sob outra ótica. Mas é preciso trazer conceitos *Tukano*, *Tikuna*, etc, para a universidade, na escrita da dissertação. Então precisamos estar muito atentos, para não cairmos ingenuamente nesse erro e acharmos que aquilo que veio do Ocidente, das pessoas ocidentais, pode ser usado sem filtro. Os ocidentais falam isso, aquilo, e eu levo para minha comunidade. Não. Isso tem que servir apenas como instrumento, para então nós pensarmos da nossa forma e trazermos essa forma para o debate da universidade.

LDV: Queria que você falasse agora sobre a prática de rituais. O artista historicamente demonstra interesse pelas práticas ritualísticas como, por exemplo, os rituais de xamanismo indígena, os rituais de casamentos, os rituais de nascimentos, etc. Todavia, quando o artista tem contato com os rituais, quer logo encená-los. Você acha possível uma relação em conjunto entre artistas e indígenas, em rituais pensados para a encenação? É possível pensar o ritual nos palcos dos chamados homens brancos, feito conjuntamente por indígenas e não-indígenas?

JPB: Eu acho que é possível. Não sou do contra, não sou de dizer que algo presta ou não presta. Mas acho que depende muito dessa lógica de que falei anteriormente. Desse diálogo das relações. Na medida em que a gente consegue estabelecer diálogos entre conhecimentos, a gente consegue avançar e muito, mas quando nos fechamos, encontramos problemas. Então quando eu digo que nós indígenas temos que estar abertos e conscientes, estou dizendo isso. Não é pra se fechar, é pra conhecer e fazer o melhor. A cultura indígena precisa ser colocada em alto nível de conhecimento, de teatro e de cena, porque já acontece muito disso de folclorizar, o que banaliza demais nossa cultura. E não leva ninguém a um bom nível de entendimento.

LDV: O xamã Tukano é um artista, na cultura de seu povo?

JPB: Sobre isso, a gente consegue ter uma especificidade bem definida, no Alto Rio Negro. Nós temos três categorias muito bem definidas, que são: *yai*, *kumu*, (que é o papel que a gente está cumprindo aqui, no Centro de Medicina Indígena) e o *bayá*, que é esse modo de conduzir práticas sociais. E o que são práticas sociais? Todo esse conjunto de pessoas acompanhando o calendário cosmológico, em cada período, visa a feitura de um ritual. Em cada período temos que fazer um indicador, em cada período temos que fazer o *basessé*, e em cada período temos que fazer determinadas

práticas de danças. Essa é uma interação que existe, que temos que estabelecer com o cosmo, com os indicadores, com os interpessoais e com as doenças. Então quando um mestre canta, ele está se comunicando, interagindo com esses seres, com o cosmo. E cada canto e cada gesto está direcionado para isso. Ele está cantando e daí vem um saber. Nesse sentido, eu não consigo ver esse mestre como artista, eu consigo vê-lo como um mediador dessas relações com o cosmo, com os seres, com o alimento, com as linguagens.

LDV: Como indígena que transita entre o campo científico do homem branco, fazendo doutorado em antropologia, e o campo espiritual indígena, criando o Centro de Medicina Indígena, que orientação você deixa para os artistas interessados em trabalhar com seu povo e com outros povos indígenas?

JPB: A minha orientação é de não irem lá, ou não irem fazer perguntas às pessoas a partir das verdades que têm, que aprendem nas universidades. Minha orientação é a de que se abram ao diálogo conosco para entender melhor a razão pela qual estão falando ou fazendo isso. Aliás, o desafio maior não é você chegar com perguntas prontas, mas descobrir o momento certo para ouvir a nossa gente lhes falar. “Então, meu pai... vou te falar essa história...” - quando eu perguntei pra ele (pai) como é que nós, Tukanos, classificamos os peixes, ele levou uma semana para responder. Ai ele falou depois de uma semana da pergunta feita...

“Filho, você lembra daquela pergunta que você me fez sobre os peixes? Então, vou te falar agora...”, e começou do começo, bem de antigamente mesmo. Então uma coisinha dita, pode conter muitas outras coisas. Digo que podemos abrir mais diálogos, e diálogo significa isso: entender o outro, compreender o mundo do outro, pra fazer o melhor. Quanto a essa palavra *sagrado*, eu também sou contra. Não existe *sagrado*. *Sagrado* é um termo ocidental para falar de uma coisa ocidental, mas dentro do conjunto cultural indígena existem algumas restrições, algumas coisas às quais você não vai ter acesso, mas que em dado momento então vai ter acesso. Não existe ritual *sagrado*, lugar *sagrado*... Um estudante, seja indígena ou não-indígena, precisa estar aberto nesse desafio do diálogo, que ainda está começando, e parece uma moda, atualmente. Mas disso pode surgir um coisa boa, para os indígenas se auto-afirmarem, afirmarem-se culturalmente, identificarem-se culturalmente. Há um tempo atrás, quando nossa cultura ainda era negada, se alguém me perguntasse, eu diria: *não, eu não sou índio não*... Eu ficava escondendo minha própria identidade. Então eu acho que hoje vivemos um momento muito rico para virar essa realidade e começar a dialogar, de igual para igual.

LDV: Como aprendi trabalhando com os índios *Yanonami*, do Alto Rio Negro, precisamos trabalhar *Kôkamôu*, ou seja, como você falou, precisamos trabalhar juntos(as). E sem sombra de dúvida o diálogo paritário, como destacado por você, é o melhor caminho

para estabelecer qualquer forma de relação. Gratidão pela entrevista!

***João Paulo Barreto** é Indígena do povo *Yepamahsã* (Tukano), nascido na aldeia São Domingos, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Graduado em Filosofia, Mestre e Doutorando em Antropologia Social pelo programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. É pesquisador do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI-UFAM). Antropólogo, Professor, Consultor, Idealizador e Cofundador do Centro de Medicina Indígena da Amazônia. Temas de atuação: Cultura e Conhecimentos indígenas, Educação Escolar Indígena, Saúde indígena, Formação de lideranças indígenas, Consultoria e Assessoria ao movimento indígena.